

## **Título: ECONOMIA SOLIDÁRIA: Potencialidades e Desafios dos Empreendimentos Solidários em Londrina**

**Autoria: Zuleica Gomes da Cruz**

**Luiz Miguel Luzio dos Santos**

### **Resumo**

Este artigo visa apresentar a experiência do programa de economia solidária desenvolvido pela prefeitura do Município de Londrina, através do centro público de economia solidária, enquanto proposta alternativa de geração de trabalho e renda. Para tal o trabalho foi organizado em tópicos que apresentam as reflexões, os principais conceitos dos autores que se dedicam ao estudo da economia solidária, bem como o desenvolvimento de uma pesquisa cujo objetivo maior é traçar o perfil dos empreendimentos econômicos solidários em Londrina e dos seus atores. Na parte da fundamentação teórica que constitui a primeira parte do trabalho se aborda a economia solidária desde a sua origem, tanto no cenário internacional como no nacional, até a sua variação conceitual, práticas, legislação, pertinência nos dias que correm assim como um exemplo consagrado, a corporação cooperativa de Mondragón. Na segunda parte se apresenta e desenvolve a pesquisa realizada junto a doze empreendimentos solidários em Londrina, visando identificar os desafios e as potencialidades apresentadas pelos mesmos. No desenvolvimento da pesquisa se entrevistou quarenta e duas pessoas, participantes do programa, que responderam a um questionário fechado, onde se pretendeu identificar: o que levou os participantes a aderirem a um empreendimento solidário; as dificuldades enfrentadas; os pontos positivos e negativos que a economia solidária agregou a vida dessas pessoas bem como o atual nível de renda, hora dedicadas aos empreendimentos, tempo de funcionamento, sede etc. Através de uma pesquisa exploratória descritiva, quantitativa qualitativa se descreveu o processo de criação, implementação e o momento atual dos empreendimentos econômicos solidários fomentado pelo programa de economia solidária do município de Londrina. Nesse processo se identificou algumas potencialidades como, por exemplo: a) a oportunidade única de se promover a cidadania através de associações produtivas, oportunizando a emancipação social e econômica dos participantes do programa; b) a notável qualidade dos produtos comercializados pelos empreendimentos; c) o desenvolvimento de novas bases de relacionamento e produção; e também alguns desafios, a saber: a) os desafios preconizados pela autogestão; b) as instalações inadequadas; c) as dificuldades no escoamento dos produtos; d) as dificuldades evidentes na incorporação dos valores e princípios da autogestão. Finalizando o trabalho, se apresenta algumas sugestões de ações a serem postas em andamento, visando melhorar as condições de vida dos participantes do programa.

**Palavras-chave:** economia solidária, empreendimentos solidários, geração de trabalho e renda.

### **Introdução**

O capitalismo vem se consolidando como sistema econômico desde o século XV, quando algumas nações européias iniciaram a colonização de outros continentes, impondo a diversas sociedades a lógica deste modo de produção. Caracterizado pela propriedade privada dos meios de produção e pela liberdade de iniciativa dos próprios cidadãos, o sistema capitalista contemporâneo é baseado na ideologia neoliberal, que proporciona a apropriação de capital e poder nas mãos de poucos, assegurando por um lado a

realização dos interesses implacáveis do mercado e por outro a marginalização das esferas mais vulneráveis da sociedade.

Pautado pela desregulamentação, privatização, liberalização de fluxos de capital, abertura de economias nacionais, extensão do comércio global e políticas de crescimento com base nas exportações, as correntes neoliberais se apresentam cada vez mais insustentáveis, causando aumento dos bolsões de pobreza, exclusão social.

Esse cenário não se apresenta de forma isolada em alguns países. Pelo contrário, as consequências maléficas do capitalismo neoliberal estão presentes no mundo inteiro, com maior ou menor intensidade, gerando ondas gigantescas de contestação por parte das sociedades civis locais, que brigam por melhores condições de vida, contra a poluição e exaurimento de recursos, a excessiva concentração de renda, a dívida externa impagável e ilegítima dos países mais pobres, o consumismo predador, a Ganância desmedida e avidez pelo lucro que todos os dias destroem os ecossistemas locais e do planeta, mudando o clima global, ao consumo desenfreado e aumento do desemprego estrutural.

Assim sendo, segundo Melo (2004) não há dúvida de que uma das maiores chagas do capitalismo chama-se desemprego. A desigualdade e injustiça social proliferam numa sociedade cada vez mais insensível com o semelhante.

No Brasil a situação também não é nada favorável. Segundo relatório do instituto de pesquisa econômica aplicada, publica da em 2005.

O Estado brasileiro historicamente não cumpriu sua função distributiva e não conduziu a economia nacional na direção da inclusão social. Até a década de 1970 acreditava-se que o desenvolvimento das forças produtivas e a industrialização iriam trazer naturalmente a redistribuição de renda e a incorporação dos homens ao mundo do assalariamento. A partir da década de 1980 estava claro que era possível conjugar crescimento econômico e aumento das desigualdades sociais; era então necessário formular estratégias de desenvolvimento com inclusão social. Para tal finalidade a Constituição de 1988 preconizou a montagem de um complexo sistema de proteção e participação social que amadurece e se consolida, mesmo que em sentidos contraditórios desde então.

Diante disso os estudiosos na matéria correm para apresentar alternativas, capazes de amenizar e apontar uma nova forma de se promover bem estar social e progresso econômico, fundamentado em princípios mais humanistas. Uma dessas alternativas apontadas é a economia solidária, que se desponta na busca do resgate da capacidade laborativa, entendida como criação do próprio homem (NISHIMURA, 2005, p. 178).

Assim o aprofundamento dessa crise abriu espaço para o surgimento e avanço de outras formas de organização do trabalho, consequência, em grande parte, da necessidade dos trabalhadores encontrarem alternativas de geração de renda. Experiências coletivas de trabalho e produção vêm se disseminando nos espaços rurais e urbanos, através das cooperativas de produção e consumo, das associações de produtores, redes de produção consumo comercialização, instituições financeiras voltadas para empreendimentos populares solidários, empresas de autogestão, entre outras formas de organização

## **Metodologia**

Optou-se por uma pesquisa exploratória descritiva, pois se objetiva descrever o processo de criação, implementação e o momento atual dos empreendimentos econômicos solidários fomentados pelo programa de economia solidária do município de Londrina. Segundo Richardson (1999, p. 26), entende-se por pesquisa descritiva aquela utilizada “quando se deseja descrever as características de um fenômeno”.

O estudo tem natureza qualitativa, quantitativa uma vez que se pretende descrever e explicar fenômenos através do emprego da quantificação, tanto nas modalidades

de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas e também aferir a importância e peso das variáveis estudadas (RICHARDSON et al, 1999).

A cidade de Londrina possui atualmente, sessenta e três empreendimentos econômicos solidários ligados ao programa de economia solidária, que constituem o universo da pesquisa. Para a seleção da amostragem se adotou a técnica intencional, que é descrita por Richardson et al (1999, p. 102) como um procedimento de composição de amostra representativa do universo que assegura a presença de sujeitos-tipo – “aqueles que representam as características típicas de todos os integrantes que pertencem a cada uma das partes da população”.

Por essa razão, dentre os cinquenta e seis empreendimentos econômicos solidários ligados ao programa de economia solidária de Londrina, foram selecionados doze, sendo que se usou como critério de escolha dos empreendimentos estar há mais de um ano em funcionamento, permitindo assim maior consistência nos dados coletados. Foram entrevistas quarenta e duas pessoas, que correspondem a todos os integrantes dos doze empreendimentos alvos da pesquisa.

A pesquisa foi realizada em duas etapas. Na primeira etapa se procedeu ao levantamento de dados sobre os empreendimentos alvos da pesquisa. Para isso se entrevistou a coordenadora e os técnicos do programa assim com alguns funcionários do centro público de economia solidária, colhendo informações como: o número empreendimentos participantes, número de membros em cada empreendimento, localização, ramo de produção e tempo de funcionamento.

Na segunda fase se procedeu à coleta de dados primários - que se caracterizam por serem coletados pela primeira vez - que foram coletados utilizando a técnica da observação direta e questionário com perguntas fechadas e de aplicação com contato direto pela pesquisadora

## **Fundamentação Teórica**

Na fundamentação teórica serão apresentadas de forma sucinta as informações obtidas através da pesquisa bibliográfica acerca do tema que se propôs tratar no presente trabalho, objetivando desta forma fornecer o pertinente esclarecimento no tocante aos conceitos centrais que serão adotados nesta pesquisa.

Constituída por cinco partes, a fundamentação teórica apresentará as discussões atuais e relevantes a cerca da simbologia e conceituação da economia solidária e idéias complementares, bem como a exposição de suas características, momento atual, contexto legal no país e os seus principais desafios e possibilidades de sucesso da economia solidária.

## **Conceito**

O contexto atual não se apresenta nada favorável aos trabalhadores assalariados, que a cada dia se vem perante um cenário de mudanças constantes, altos índices de desemprego, proliferação do subemprego e da informalidade e alienação do trabalho. Segundo Chiavenato (1999) estamos vivendo um novo tempo, a dita era da informação. Ela tem como característica principal as mudanças, rápidas, imprevisíveis, turbulentas e inesperadas, a competitividade intensa e complexa entre as organizações e por fim a migração do emprego do setor industrial para o setor de serviços.

Esse modelo tem contribuído para a cada vez maior precarização das condições de trabalho e da rede de proteção social sem falar da manifesta limitação do poder público em gerar empregos estáveis e políticas claras e consistentes visando a melhoria das condições de trabalho e sobrevivência digna dentro país.

Esse cenário desencorajador tem levado os trabalhadores a procurarem por conta própria alternativas que venham suprir as lacunas deixadas pela exclusão da economia formal e a fuga ao desemprego. Em consequência disso tem-se assistido no Brasil e em outras partes do mundo a uma grande expansão de empreendimentos que partem da livre associação dos trabalhadores, e têm como base, princípios de autogestão, cooperação, eficiência e viabilidade (GAIGER, 2003).

A história do termo economia solidária tem quase dois séculos e se inspira em diferentes correntes do socialismo em particular dos chamados utópicos (Fourier, Saint Simon, Robert Owen) numa época de intensas lutas sociais e acentuado declínio econômico nos principais países europeus (LAVILLE, 1994, apud ARRUDA, 2003, p. 232).

Para Singer (2003) economia solidária, tal como ela ressurge do século XX, é uma resposta ao estrangulamento financeiro do desenvolvimento, à desregulação da economia e à liberação dos movimentos do capital, que acarretam, nos diversos países, desemprego em massa, fechamento de firmas e marginalização cada vez maior entre os desempregados (SINGER, 2003, p.116-117).

No âmbito do sistema nacional de informação em economia solidária (SIES) a economia solidária é compreendida como o conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito – organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores e trabalhadoras sob a forma coletiva e autogestionária.

Nesse conjunto de atividades e formas de organização destacam-se quatro importantes características: cooperação, autogestão, viabilidade econômica e solidariedade. É necessário perceber que essas características, embora sejam complementares e nunca funcionem isoladamente, podem ser observadas e compreendidas objetivamente como categorias analíticas diferentes, mas sempre presentes na Economia Solidária.

A economia solidária vem se apresentando, nos últimos anos, como inovadora alternativa de geração de trabalho e renda e uma resposta a favor da inclusão social. Compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas autogestionárias, redes de cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário.

Nesse sentido, compreende-se por economia solidária o conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizadas sob a forma de autogestão.

Considerando essa concepção, a Economia Solidária possui as seguintes características:

- a) *Cooperação*: existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha dos resultados e a responsabilidade solidária. Envolve diversos tipos de organização coletiva: empresas autogestionárias ou recuperadas (assumida por trabalhadores); associações comunitárias de produção; redes de produção, comercialização e consumo; grupos informais produtivos de segmentos específicos (mulheres, jovens etc.); clubes de

trocas etc. Na maioria dos casos, essas organizações coletivas agregam um conjunto grande de atividades individuais e familiares;

- b) *Autogestão*: os/as participantes das organizações exercitam as práticas participativas de autogestão dos processos de trabalho, das definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, da direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses, etc. Os apoios externos, de assistência técnica e gerencial, de capacitação e assessoria, não devem substituir nem impedir o protagonismo dos verdadeiros sujeitos da ação;
- c) *Dimensão Econômica*: é uma das bases de motivação da agregação de esforços e recursos pessoais e de outras organizações para produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo. Envolve o conjunto de elementos de viabilidade econômica, permeados por critérios de eficácia e efetividade, ao lado dos aspectos culturais, ambientais e sociais;
- d) *Solidariedade*: O caráter de solidariedade nos empreendimentos é expresso em diferentes dimensões: na justa distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes; no compromisso com um meio ambiente saudável; nas relações que se estabelecem com a comunidade local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentável de base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de caráter emancipatório; na preocupação com o bem estar dos trabalhadores e consumidores; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras.

Considerando essas características, a economia solidária aponta para uma nova lógica de desenvolvimento sustentável com geração de trabalho e distribuição de renda, mediante um crescimento econômico com proteção dos ecossistemas. Seus resultados econômicos, políticos e culturais são compartilhados pelos participantes, sem distinção de gênero, idade e raça. Implica na reversão da lógica capitalista ao se opor à exploração do trabalho e dos recursos naturais, considerando o ser humano na sua integralidade como sujeito e finalidade da atividade econômica.

Englobando cooperativas; associações; empresas de auto-gestão (todos os que trabalham são donos do empreendimento e todos os que são donos trabalham no

empreendimento); empresas de co-gestão (compreende a representação institucional dos funcionários ou representantes de outras instituições na administração da empresa); clubes de trocas; bancos de povo; organização da sociedade civil de interesse público (OSICIP).

## **Origens Históricas da Economia Solidária**

Os relatos que se tem conhecimento dão conta de que a proposta de uma economia fundada na solidariedade, na partilha da riqueza e do saber, emerge no meio do século XIX, a partir das próprias contradições do capitalismo industrial (ARRUDA, 2003). Segundo Singer (2002) esse nascimento da economia solidária se deu em reação ao espantoso empobrecimento dos artesãos provocado pela difusão das máquinas e da organização fabril da produção.

Nas palavras de Singer (2002) essa nova forma de se organizar a produção (capitalismo industrial) no início do século XIX, trouxe a expulsão em massa de camponeses dos domínios senhoriais, que se transformaram no proletariado moderno. Da exploração desmedida vivida no ambiente fabril, estavam incluídas crianças, mulheres e adultos que eram submetidos a jornadas de trabalho estafantes em condições degradantes sem a devida remuneração.

Nesse contexto de exploração, miséria e claro desrespeito a condição humana, começaram a surgir vozes de protesto por melhores condições de trabalho e proteção legal dos trabalhadores por parte do estado.

Uma das vozes que insurgiu contra a situação vigente foi a de Robert Owen, um rico industrial inglês, que enxergou a possibilidade de abraçar outros métodos de trabalho que não fossem tão nocivos e não explorassem tanto os trabalhadores que operavam a sua fábrica. Neste sentido pôs em marcha um pacote de medidas que limitaram o número de horas trabalhadas pelos adultos e proibiram o trabalho de crianças nas suas indústrias. Em vez de trabalho, para as crianças construiu escolas. Embora essas medidas refletissem mais dispêndios com a folha de pagamento, o tratamento diferenciado e generoso, para a época, dispensado aos assalariados, resultou em maior produtividade do trabalho e, conseqüentemente, tornou suas empresas mais lucrativas. Começou então por parte do industrial, um árduo trabalho de divulgação das suas idéias revolucionárias tanto junto dos órgãos de poder como junto dos operários assalariados. Owen experimentou as suas propostas na grande indústria têxtil em New Lanark, posteriormente na colônia cooperativa de New Harmony, nos Estados Unidos, mais tarde à frente de potente movimento sindical, pregando a formação de cooperativas para tomar os mercados dos capitalistas (SINGER, 2003). Mais tarde seus seguidores levaram a cabo algumas iniciativas bem sucedidas e outras fracassadas, baseadas na organização da produção a serviços da satisfação das suas necessidades, e não a serviço do lucro apenas. Assim segundo a descrição de Singer (2002) Owen lançou as sementes do cooperativismo moderno no mundo e escreveu um dos primeiros capítulos da história da economia solidária.

## **Os Grandes Desafios da Economia Solidária**

Segundo Cattani (2003) devido ao empoderamento da sociedade civil através dos novos movimentos sociais, das organizações não-governamentais, da participação cidadã em amplas esferas da vida política, tirava do trabalho qualquer valia e pouco importava o que o indivíduo fizesse na sua atividade laboral, a “nova economia” (economia solidária) se vê atualmente perante três grandes desafios.

O primeiro é reafirmar a importância fundamental do trabalho para os indivíduos e para a sociedade, importância dada pelas dimensões

libertárias ou opressoras. Para o autor não basta ter orçamento participativo, empoderamento da associação de bairro, uma intensa vida social emancipadora e continuar submetido ao trabalho repetitivo, desprovido de sentido, alienado, explorado, seja ele executado na empresa capitalista padrão ou nas formas institucionais mais alternativas. Da mesma forma, o fato das cooperativas e das empresas autogestionárias não constituírem um universo apartado da economia capitalista pode levar à internacionalização dos mesmos princípios concorrenciais, à intensificação do trabalho executado sob regras hierárquicas e autoritárias, enfim, à auto-exploração.

O segundo desafio a ser enfrentado pela economia solidária é a demarcação precisa entre as verdadeiras alternativas e as práticas conservadoras do chamado terceiro setor.

O terceiro grande desafio para as múltiplas manifestações da “outra economia” é elas colocarem como realizações em padrão social, ecológico, político e também, tecnológico, superiores ao capitalismo convencional.

Cattani afirma que não basta ser alternativa para os pobres e excluídos. Elas precisam proporcionar avanços em todos os domínios, envolver de maneira responsável, amplos segmentos da sociedade, recuperar para destinos mais generosos o que a criatividade humana conseguiu aplicar na geração de produtos e serviços de melhor qualidade. O esforço deve ser orientado para recuperar socialmente o que o progresso técnico proporcionou em termos de conforto e qualidade de vida. E o grande desafio é, sobretudo, reforçar, de todas as maneiras possíveis, as lutas sociais em curso no capitalismo avançado.

Para Lechat e Schiochet (2003) a constituição e a permanência da economia solidária apresentam problemas de basicamente, duas dimensões:

- a) dimensão do ato associativo - como estabelecer laços sociais entre os trabalhadores, articular individualidades, superar conflitos?
- b) dimensões da ação econômica – como produzir, distribuir ou prestar serviços a custos adequados, obter sobras para distribuir, criar excedente?

Para eles estas dimensões referem-se à relação entre economia e solidariedade.

Para Singer (2003) a práxis economia solidária que se constrói hoje deve muito as tradições passadas (cooperativismo) e enfrentar os problemas que surgem hoje, constituem um grande desafio cuja solução ou caminho pode estar em estudar a fundo para aprender como os acertos e erros do passado e ultrapassar suas contradições e limites da atualidade.

## **A Construção da Economia Solidária em Londrina**

Este tópico visa elucidar a trajetória recente da economia solidária em Londrina. Aqui se exporá as principais etapas pelas quais se passou na criação e implementação do programa de economia solidária do Município de Londrina, bem como os seus atores e os objetivos propostos segundo a narração de Nishimura (2005) em sua dissertação de Mestrado, cujo tema é “Grupos de Geração de Trabalho e Renda na Construção da Economia Solidária em Londrina”.

Segundo Nishimura (2005), a história da economia solidária em Londrina teve o seu marco inicial em 2003, através do programa fome zero do governo federal, que preconizava abarcar não só ações mais emergenciais como também o desenvolvimento de

ações estruturantes que busquem a autonomia das pessoas. Nesse sentido e em virtude de certa proximidade ideológica entre os governantes da esfera federal e a municipal, o poder local Londrinense se organizou e desenhou um programa que ia de encontro aos objetivos acima traçados.

Assim com a participação de técnicos de diferentes secretarias municipais, como a assistência social, Agricultura e Abastecimento, Mulher, companhia de desenvolvimento de Londrina – CODEL, Projeto 1000 ONGS, Programa do Voluntariado Paranaense de Londrina – PROVOPAR – Londrina elaborou-se a proposta preliminar do programa Londrina fome zero que, após discussões, teve incorporação das secretarias municipais de Saúde, Educação e Idoso.

Nishimura (2005) relata que a história da economia solidária em Londrina teve o seu início com a realização do I Encontro de Economia Solidária em Londrina, em Agosto de 2002, que contou com a participação de Euclides Mance e Maria Pedrini.

Na sua passagem por Londrina Mance, se reuniu com técnicos das secretarias Municipais de Assistência social, Mulher, Agricultura e abastecimento, CODEL para discutir a realidade de Londrina e o seu potencial para o desenvolvimento da economia solidária.

Na altura se identificou, ainda, por meio de consulta a diferentes secretarias, a existência de grupos de geração de renda que de alguma forma, recebiam algum tipo de apoio, o qual ocorria através das secretarias da Mulher, Assistência Social e Companhia Municipal de transito e Urbanização – CMTU.

Na caminhada do processo de concepção do projeto de economia solidária em Londrina, em Agosto 2002 e com a colaboração de Mance foram listas as seguintes Proposições (NISHIMURA, 2005):

- a) mapeamento do consumo atual da rede de serviços em geral, como forma de identificar o que representa necessidade que poderá ser suprida por grupos de produção;
- b) viabilização de assessoria técnica que contribua na orientação quanto as estruturas formais e legais a serem viabilizadas (ex. organizações cooperativas, associativas, micro empresariais, etc.);
- c) viabilização de formas e estratégias legais que permitam a prestação de contas de aquisição de produtos de economia solidária junto ao poder publico;
- d) gestão, junto à universidade, para a formação de grupos técnicos de assessoramento e desenvolvimento da proposta de incubação;
- e) organização de um fórum municipal para que se discuta e desenvolvida a idéia de rede e o estabelecimento de critérios de avaliação de empreendimentos solidários
- f) mapeamento regionalizado da produção, do consumo produtivo no sentido de promover o cruzamento entre o que se produz e o que se consome no município como um todo e nas regiões;



- g) identificação, nas comunidades, de espaços públicos (escolas, instituições, igreja etc.), potenciais locais e estruturas para divulgação do consumo solidário;
- h) viabilização de discussões e seminário nas comunidades para avaliar potencialidades de ações de economia solidária;
- i) capacitação das equipes para assessoria;
- j) proposta de legislação municipal que contribua com o processo de economia solidária (tributos municipais etc.);
- k) envolvimento da educação tanto no que se refere à discussão;
- l) com os alunos quanto com a organização do consumo junto às associações de Pais e Mestres;
- m) integração da população inserida nos programas de renda mínima;
- n) instituição de comissão gestora interdisciplinar e intersetorial;
- o) reformatação dos programas municipais em desenvolvimento para que se estruturam dentro da proposta da Economia solidária;
- p) identificação de locais de concentração de trabalhadores para instituição de processos de compra programada (encomendas);
- q) definição de logomarca para identificar dos empreendimentos solidários;
- r) estrutura de comercialização dos produtos advindos da Economia solidário;
- s) inserção do município e das ações já realizadas no portal paranaense da Economia Solidária;
- t) análise da possibilidade de implementação de “Clubes de Troca” com moeda social.

A partir das proposições definidas com Mance, uma comissão, composta por técnicos das Secretarias Municipais de assistência social, Mulher, Agricultura e abastecimento, CODEL, Projeto 1000 ONGS, responsabilizou pela construção de um projeto de Economia Solidária em Londrina que incorporou, em 2003, um dos eixos do Programa Londrina Fome Zero.

As propostas contidas no programa de Economia Solidária são:

- a) compras Coletivas - consiste em apoiar e incentivar os grupos de geração de renda a adquirirem insumos para a produção, de forma coletiva, para que possa baratear o custo e melhorar a qualidade. Essa prática contribui para a difusão do conceito da Economia Solidária,

fortalecimento da rede de produção e consumo solidários e o fomento a grupos para produção de insumos necessários já utilizados na cadeia produtiva;

- b) incubadora Solidária – INSOL – Constitui-se não enquanto espaço físico de incubagem para produção, mas enquanto apoio, orientação, acompanhamento e assessoria aos grupos de geração de renda, ocorrendo dentro do espaço próprio já utilizado para a produção ou, em certos momentos, em espaços da comunidade local/regional e ou central, conforme a necessidade apresentada, o que se especifica a um grupo ou comum aos vários empreendimentos;
- c) grupo de consumo solidário – caracteriza-se pelo desenvolvimento de ações que estimulem a formação de grupos de consumo solidário, a partir de locais estratégicos com concentração de pessoas num mesmo lugar, o que se configura em locais estratégicos com concentração de pessoas num mesmo lugar, o que se configura em espaços religiosos, de trabalho, de lazer, entre outros. A constituição de grupos de consumo solidário permite as pessoas adquirirem, de forma sistemática, produtos advindos de empreendimentos solidários, produzidos não sob a óptica da exploração do trabalho alheio, mas como resultado de uma produção coletiva;
- d) estímulo para o consumo solidário – consiste em desenvolver e viabilizar estratégias para difundir a economia solidária, objetivando gerar o estímulo para o consumo solidário. Significa que, além de inserir a Economia Solidária na agenda pública, ela deve estar presente na agenda comunitária e política. Isso requer um esforço que possa mobilizar a sociedade Londrinense por meio de feiras municipais, feiras descentralizadas, eventos de formação, entre outros, assim como o estabelecimento de mecanismos que propiciem aos segmentos estratégicos, como escolas, centros de educação infantil, etc. , adquirirem produtos advindos da economia solidária;
- e) cooperativo de Crédito Solidário – configura-se enquanto uma estratégia de organização dos produtos rurais familiares em sistema de cooperativa de crédito, visando a melhoria das condições de trabalho e vida do agricultor familiar e de sua família.

Estes eram para Mance os primeiros passos a serem dados, visando viabilizar a criação de um programa formal de economia solidária por parte do município de Londrina.

Segundo as palavras de Nishimura (2005), para se viabilizar o programa de economia solidária em Londrina entendia-se, como necessário um conhecimento mais detalhado dos grupos de geração de trabalho e renda existentes no município, para o qual em maio de 2003, iniciou-se a parceria com a universidade estadual de Londrina (UEL), por meio da Pró-Reitoria de Extensão à comunidade, com a participação da área de Administração e a equipe do programa Londrina Fome Zero, para a construção de um instrumento de mapeamento dos grupos de geração de trabalho e renda.

Detalhando Nishimura (2005) conta que a estratégia utilizada para a realização do mapeamento dos grupos de geração de trabalho e renda foi contemplar diferentes objetivos para um mesmo momento, ou seja, a realização de um evento formativo, informativo, de troca de experiência, que pudesse, simultaneamente, mapear os grupos presentes.

No mapeamento realizado se levantou informações como: número de participantes, tipo de produção, endereço para contato, local de produção, maiores dificuldades, escolaridade dos membros, cursos já efetuados pelos participantes e a existência ou não de documentação por parte do grupo, visando identifica-los, numa primeira parte do processo.

Na segunda etapa a autora dá a perceber, que foi desenvolvido um conjunto de outras atividades complementares ao mapeamento ocorrido anteriormente e que desencadearam três (3) linhas de ação do programa de Economia Solidária a saber: apoio financeiro aos grupos de geração de trabalho e renda; a capacitação conceitual, técnica e de gestão e o apoio a construção da rede solidária de produção, comercialização e consumo.

Em síntese Nishimura apresenta essas linhas operacionais do programa de Economia Solidária do Município de Londrina assim:

A primeira linha é operacionalizada por meio de repasse de materiais e não de recursos financeiros, uma vez que o mesmo constitui um impeditivo legal.

A segunda linha de ação do programa que é a capacitação técnica de gestão conceitual, busca por meio destas três dimensões, a implementação de ações qualitativas e quantitativas mais ampliadas no campo da economia solidária.

A capacitação técnica tem por objetivo a qualificação e o aperfeiçoamento do fazer, o que inclui novas técnicas e o próprio desenvolvimento da capacidade criativa das pessoas.

A capacitação de gestão envolve os processos de gestão inerentes a todos os empreendimentos solidários, como controle de estoque, pedidos, gasto, comercialização, documentação entre outros, processos que permitam a transparência das informações a todos os membros do grupo e que possam subsidiar o planejamento das ações e controles coletivos.

Na capacitação conceitual, são trabalhados elementos presentes na economia solidária, que a diferenciam de uma prática excludente, cujo processo ocorre em discussões mais ampliadas, entre grupos, assim como no cotidiano dos grupos.

A terceira linha de ação, que é a de apoio à construção à rede solidária de produção, comercialização e consumo.

Hoje passados cinco anos após as primeiras iniciativas oficiais de economia solidária em Londrina e como o programa de Economia Solidária do Município de Londrina em andamento e a todo vapor, o programa atende cinquenta e seis (56) grupos de geração de trabalho e renda, entre os quais trinta e dois (32) grupos formados e vinte quatro (24) em formação.

O programa conta com modernas instalações (centro público de economia solidária de Londrina), financiada com recursos da secretaria nacional de economia solidária (órgão vinculado ao Ministério do Trabalho e do Emprego) e do próprio município, com o objetivo de se tornar um espaço de referência da economia solidária em Londrina, proporcionando informação, capacitação e atendimento aos empreendimentos a serem desenvolvidos assim como auxílio na exposição e comercialização dos produtos fabricados pelos empreendimentos econômicos solidários encubados pelo programa, que se reúnem-se uma vez por mês para decidirem as condições de comercialização, decisões coletivas.

Atuando nas áreas de alimentação, artesanato, reciclados (papel, tecido), confecção e prestação de serviços, os empreendimentos econômicos solidários que integram o programa de economia solidária de Londrina, reúnem usuários e usuárias da assistência social, indígenas, contemplados pela bolsa família, desempregados, agricultores familiares (público alvo da assistência social etc.) que definem a atividade a desenvolver no grupo de geração de renda por experiência, habilidades, cursos, desejos das pessoas, necessidades da comunidade etc.

Os empreendimentos solidários do Programa de economia solidária de Londrina estão espalhados por todas as regiões da cidade. Por isso os técnicos dos centros regionais de assistência social – CRAS, assumem um papel importante junto aos grupos de geração de renda localizados em diferentes regiões, nos quais se encontram os grupos de geração de renda. Cada CRAS designa uma assistente social de referência para este trabalho apoio e acompanhamento dos grupos (a cidade esta dividida em região norte, sul, este, oeste, rural e centro).

De realçar que o programa de economia solidária de Londrina se pauta pela organização de um conjunto de ações e projetos como:

Projeto acessoria aos empreendimentos, faz o acompanhamento (desde a organização do grupo até após a estruturação do grupo), a capacitação na área de gestão e processos administrativos (instituir instrumentos de gestão), a monitoria, a capacitação conceitual (formação) e a viabilização dos empreendimentos solidários.

Projeto investimento solidário que define como, onde, de que forma produzir. Apóia na aquisição da matéria prima (pois é a principal dificuldade dos grupos), através do fomento a aquisição de matéria prima feita pela prefeitura de Londrina. Desta forma o grupo tem que destinar uma porcentagem dos seus rendimentos a comunidade local onde se encontra inserida (asilos, grupos de capoeiras etc) ou terá que ensinar a atividade fim do empreendimento.

Projeto rede solidária consiste na associação entre grupos comunitários, organizações religiosas, da sociedade civil, e estatais com o intuito de fortalecer a economia solidária através de parcerias e união de esforços entre esses grupos através do desenvolvimento de atividades conjuntas como feiras descentralizadas nos lugares de grande movimentação em datas comemorativas etc.

Projetos oficinas solidárias, o intuito desse projeto é levar reflexão e discussão e sobre economia solidária e o programa municipal de economia solidária aos públicos propensos (alvos) para que assim se possa estimular e propagar iniciativas de economia solidária na cidade.

Finalmente o projeto educação para o consumo crítico que objetiva o desenvolvimento de oficinas de conscientização para a importância do consumo solidário como forma de abertura da economia solidária ao consumo que gera renda justa. Entre as ações do projeto se destaca a ação de consumo consciente que é levada a cabo em parceria com o procon e a secretaria municipal do meio ambiente (SEMA) objetiva discutir o consumo sob a óptica do meio ambiente, da defesa do consumidor e da economia solidária e também a ação envolvendo a secretaria municipal da educação e o núcleo regional de ensino, para um

trabalho de divulgação e educação junto as crianças da 5ª a 7ª série, que visa aliar, comunidade consciente, pensante, critica, renda e forma de organização.

### **Análise das entrevistas**

O presente tópico visa analisar os dados coletados na pesquisa realizada, junto a doze (12) empreendimentos econômicos solidários fomentados pelo Programa de Economia Solidária do Município de Londrina. Participaram na pesquisa quarenta e duas (42) pessoas representando a totalidade dos membros dos empreendimentos acima. Foram selecionados os grupos que estavam a mais tempo no programa, obedecendo ao critério de estar a mais de um ano em funcionamento e hoje estar em pleno processo produtivo.

Para a coleta de dados, adotou-se a aplicação de um questionário individual juntamente com uma entrevista com os grupos. Tanto a aplicação do questionário como a realização das entrevistas foi realizada na casa dos membros e por telefone. Para melhor conhecer a realidade do programa, os seus objetivos e o seu campo de atuação, foi realizada entrevistas e conversas informais, com a coordenadora, os técnicos e pessoal de suporte do programa.

Aos integrantes dos empreendimentos solidários foram feitas as seguintes perguntas:

- Qual o motivo que o (a) impulsionou a fazer parte de um empreendimento de economia solidária?
- Qual a razão que impulsionou a criação desse empreendimento solidário?
- Por que da opção por este ramo de produção?
- Qual é a forma de adesão ao empreendimento? E de remuneração?
- Antes de fazer parte do programa de economia solidária da Prefeitura o que faziam?
- Qual era a sua renda antes de fazer parte do empreendimento? E agora?
- Hoje como se sente em relação a sua participação num empreendimento solidário? Por quê?
- A seu ver o que a economia solidária agregou de positivo para a sua vida? E de negativo?
- Que dificuldades enfrentam no seu dia-a-dia no trabalho no empreendimento?
- Como imagina o empreendimento solidário da qual participa daqui a três anos?
- Para si que valores e atitudes seriam importantes cultivar dentro de um empreendimento econômico solidário?

No texto a seguir se descreve as possíveis análises obtidas através dos dados colhidos na pesquisa.

O Programa de Economia Solidária do município de Londrina conta hoje com cinquenta e seis (56) empreendimentos econômicos solidários, em todas as regiões da cidade. As pessoas que participam desses empreendimentos solidários são na sua maioria pessoas carentes, que tiveram pouquíssimo acesso aos direitos sociais e que por isso hoje necessitam do auxílio do poder público para a satisfação das suas necessidades, uma vez a renda dos mesmos assim não o permite, causando dessa forma certa dependência do poder público. Visando diminuir e posteriormente eliminar essa dependência, surgiu o programa de economia solidária de Londrina. No início como um dos eixos do programa Fome Zero do governo federal (eixo 3 – geração de renda), posteriormente como um programa municipal de geração de trabalho e renda, que tem como parceiro a Secretaria Nacional de Economia solidária, órgão esse ligado ao Ministério de Trabalho e Emprego. É através dessa contextualização que se pode contar a história dos empreendimentos econômicos solidários em Londrina. Todos são fruto da promoção e do estímulo às associações produtivas levado a cabo pelos programas acima citados com o intuito de disponibilizar aos trabalhadores beneficiários oportunidades de qualificação social (reflexão sobre cidadania, fortalecimento e o mundo do trabalho), profissional (fundamentos técnico-científicos da ocupação) e ocupacional (atividades específicas à ocupação, dimensão técnico-gerencial, cooperativista e associativa), em articulação com as ações de microcrédito, geração de emprego e renda e economia solidária. Nesse sentido foi realizada várias ações de mapeamento em parceria com algumas entidades religiosas, instituições de ensino e órgãos da cidade, objetivando a identificação e criação de potenciais grupos de geração de trabalho e renda. Para muitos participantes do programa de economia solidária, essa realidade começou nas reuniões promovidas em igrejas e associações de bairro, como ilustra as palavras de uma das integrantes de um grupo da zona oeste:

Tudo começou, em uma reunião na igreja aqui do lado de casa. Estava lá um grupo de mulheres que participam frequentemente das atividades da paróquia e o padre nos avisou que iria lá um grupo do programa de economia solidária da prefeitura conversar conosco. Eles chegaram e começaram a falar sobre o programa. Explicaram-nos o que era economia solidária e como poderíamos participar. Nos interessamos pelo assunto, já que estávamos desempregas e resolvemos correr atrás.

Para outros a entrada no programa foi através da intervenção das assistentes sociais do centro de referência da assistência social (CRAS).

Foi uma das assistentes social do centro de referência da assistência social, que me apresentou ao programa. Sofro de depressão desde a morte do meu marido e na época estava muito mal. Daí ela me disse que seria bom para mim me ocupar com alguma coisa e me levou a uma das reuniões do grupo.

Esses incentivos consolidados com a possibilidade de complementar a renda da família que é muito baixa, vencer o desemprego, aliar a possibilidade de trabalhar sem descuidar dos filhos, desenvolver uma atividade prazerosa sem sofrer pressões por parte de terceiros e aproveitar os incentivos oferecidos pelo município, tais como a doação dos meios de produção, fomentos à produção, qualificação profissional, assessoria técnica e auxílio à comercialização, constituíram as principais motivações que levaram essas pessoas a se associar em grupos fazer e parte de uma iniciativa de economia solidária. Sobre o assunto Singer (2002) acredita que no Brasil as iniciativas da economia constitui uma alternativa ao desemprego e a possibilidade de promover o bem estar social e condições dignas de vida as pessoas que as adotam.

Para se efetivar a adesão a um dos empreendimentos solidários aqui pesquisados a que se obedecer a certos critérios que fazem parte da linha de ação do programa, como por exemplo, ser originário de uma realidade onde não foram disponibilizados os meios essenciais ao desenvolvimento de perspectivas de sustentabilidade e auto-afirmação, abrangendo tanto o foro econômico como o relacionamento com os demais atores sociais, apresentando assim certa restrição a possível adesão de pessoas vinda de outras realidades. Claramente se percebe a tentativa dos responsáveis pelo programa em atender e priorizar sujeitos em situação de risco social, o que facilmente se entende, pois essas pessoas têm presa por alternativas e soluções concretas que tenham como finalidade maior a melhoria da qualidade de vida e resgate da dignidade humana. Esse alias, se configura como o grande desafio da economia solidária segundo Mance (2002), o que coloca alguns outros pontos no centro da discussão sobre as reais possibilidades da economia solidária, tanto como uma alternativa superior ao capitalismo como defende Singer (2002), ou como forma de organização pós-capitalista como defende Mance (2002). Nos dois casos se vê a necessidade da economia solidária se constituir uma opção válida de organização social, produtiva e econômica, tornando oportuna a reflexão sobre a consistência das suas iniciativas, levando Singer (2002 pág. 120) a afirmar que “a economia solidária só se tornará uma alternativa superior ao capitalismo quando ela puder oferecer a parcelas crescentes de toda a população oportunidades concretas de autosustento, usufruindo o mesmo bem-estar médio que o

emprego assalariado proporciona”. Esse ainda não constitui a realidade da economia solidária em Londrina, já que a maioria ainda não consegue mais de meio salário mínimo, mas ainda reside no interior dessas pessoas a esperança de ver os seus empreendimentos crescerem e melhorar as suas condições de vida, com narra uma entusiasta participante de um empreendimento solidário na zona sul:

Sonho com o dia em que a “sol para todos” (nome fantasia do empreendimento), se tornará uma grande marca, reconhecida pela qualidade dos seus produtos e valorizada pela sua historia. Isso ainda vai acontecer, pois é o sonho de muitas vidas e estamos trabalhando para isso.

Em Londrina, ainda que modestas, os empreendimentos econômicos solidários promovidos pelo município vêm dando mostras de uma possível viabilidade futura, apoiado no fato da maioria já conseguir pagar as despesas e ter sobra, a bem verdade que ainda com o auxílio do município, propiciar renda aos seus membros (mesmo que baixa), apresentar produtos de qualidade reconhecida o que tem facilitado à conquista de clientes e melhorando as condições de competitividade. Falando especificamente do nível de competitividade, cabe aqui frisar que a competitividade desmedida e a qualquer preço não constitui prática da economia solidária, como esclarece Singer (2002, pág. 115), “a grande aspiração que, desde os primórdios, sempre animou a economia solidária tem sido superar as tensões e angustias que a competitividade de todos contra todos acarreta naqueles que se encontram mergulhados na lógica do capital“. Mas para que possam continuar funcionando, esses empreendimentos têm necessariamente apresentar ao mercado opções de consumo de qualidade sem ferir os seus princípios e margem de ação. Constatou-se que ainda para a maioria desses grupos, a conquista de mercado representa uma grande dificuldade, pois a concorrência como as empresas capitalistas é francamente desigual, com descreve uma participante de um empreendimento na zona leste:

O nosso principal problema é vender. Fazemos crochê e essa atividade tem lá os seus custos e sem falar do enorme dispêndio de tempo que acarreta. Caprichamos no nosso produto e quando vamos vendê-lo as pessoas reclamam do preço e nos dizem que encontraram produto similar muito mais barato.

Desabafando acrescenta:



Eles não dão valor as pessoas que produzem na própria cidade, valorizando só o que é de fora. Eles não levam em conta que para produzirmos não precisamos exploração a mão-de-obra alheia ao contrario dessas outras empresas. O preço deles é muito baixo e não conseguimos acompanhá-los, pois praticamos o preço justo.

Em virtude desses problemas, paulatinamente se vai encontrando soluções pontuais, mas esse ainda é um ponto a rever pelos integrantes do programa. Além dos problemas enfrentados no que tange a comercialização outros problemas limitam o harmonioso desenvolvimento desses empreendimentos. Se identificou por exemplo: instalações inadequadas, falta de meios de produção, falta de credibilidade por parte da comunidade, problemas no relacionamento entre o pessoal. Apesar disso a maioria os encara como problemas pontuais que se enfrentados com a colaboração de todos podem ser resolvidos.

Finalizando a entrevista foi a vez de ouvir dos membros dos grupos as eventuais contribuições da economia solidária na vida dos mesmos. Cada membro narrou os seus pontos de vista, os seus sentimentos e as suas experiências vividas ao longo da sua participação nessa iniciativa de economia solidária. Nesse processo um dos membros de um empreendimento econômico da região oeste. Com os olhos marejados de lagrimas declarou:

Participar da economia solidária, me fez renascer. Me fez acreditar que sou importante e que mereço ser respeitada e valorizada como qualquer outra pessoa que tem dinheiro. Passei a olhar para as pessoas, pois antes só olhava para o chão. Hoje eu sou dona e senhora da minha vida, sou útil para a sociedade e sou considerada nas estatísticas desse país, já que hoje tenho a minha própria renda. Olha posso te dizer sem medo, eu sou uma pessoa igual a todas as outras e isso quem me fez ver e entender foi a economia solidária.

Declarações como essas e outras obtidas ao longo da pesquisa com por exemplo, “a economia solidária me devolveu a autoestima e o amor próprio”, “a minha família passou a me olhar com outros olhos”, “ hoje eu me sinto parte integrante da sociedade”, “ não preciso pedir esmola para ninguém. Tenho o meu próprio dinheiro”, “ hoje, até passo batom, quando saio de casa”, chamam a atenção para aspectos que facilmente passam despercebidos aos olhos daqueles que têm uma condição melhor de vida, como a importância da auto-afirmação pessoal como um ser plenamente capaz de conduzir o próprio destino e participar ativamente na sociedade da qual faz parte.

Foram elencadas vários pontos que no entendimento dos entrevistados constituem as contribuições da economia solidária as respectivas vidas: a subsistência material, o reconhecimento e valorização por parte da família e sociedade, a melhoria a saúde, a reinserção social, a qualificação técnica e profissional etc. Ressalta-se o fato de como ponto negativo ter sido citado apenas a questão da renda, que ainda na atingiu o nível desejado.

Baseando-se na realidade acima descrita, nos dados colhidos, nas conversas informais tidas com os participantes e gestores do programa de economia solidária em Londrina e em resposta aos objetivos do presente cabe afirmar o seguinte: O programa de economia solidária de Londrina ainda está longe de propiciar aos seus integrantes a renda e o padrão de vida ideal e merecido. Mas já se vê sinais claros de melhoria das condições de vida, aceitação e valorização pessoal, inserção social e incorporação de novas práticas de convívio com a valorização crescente de valores como a solidariedade, honestidade, democracia, transparência, ajuda mútua e atitudes como a cooperação, transparência na gestão, aprender com o erro, agregar e distribuir valores.

Essa nova visão do todo social e a vontade explícita de querer crescer é que potencializa os empreendimentos solidários em Londrina. No horizonte se vislumbram muitas limitações, mas também se clarea a importância dessas relações que acontecem no âmbito dessas iniciativas, afinal de contas como pregam os estudiosos da área de Recursos humanos em especial e de administração em geral, as pessoas são o diferencial de qualquer organização, pois só elas são capazes de marcar a diferença.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo visa trazer a luz do debate a implementação da perspectiva da economia solidária em Londrina enquanto proposta alternativa de trabalho e geração de renda. Dessa forma se pretendeu identificar os seus atores, o seu campo de atuação, os seus objetivos e o momento atual do programa, com o intuito de conhecer melhor a forma como esses elementos se interagem e caminham na construção das experiências de economia solidária na cidade. Para isso, ao longo do estudo se procurou explicar o tema “economia solidária” numa linha de raciocínio clara e objetiva de modo a propiciar aos leitores uma maior margem de compreensão e análise do tema, bem como os seus desenvolvimentos.

O tema economia solidária vive um momento particularmente interessante no Brasil, com o despontar de inúmeras iniciativas no cenário nacional, o que lhe tem proporcionado uma maior visibilidade tanto a nível governamental quanto a nível acadêmico. Neste sentido têm-se criado órgãos estatais de apoio e fomento aos empreendimentos econômicos solidários assim como amplos fóruns de discussão e difusão das suas práticas conceituais. Esse cenário se inscreve no que muitos autores descrevem como o ressurgimento da economia solidária no cenário nacional e internacional, em resposta a impossibilidade do sistema vigente em atender às exigências humanas básicas como: saúde, educação, segurança, infra-estrutura e bem-estar.

A degradação das condições sociais, a proliferação da miséria, as alterações ocorridas no mercado de trabalho, conduzindo a uma situação de baixa produtividade, emprego esporádico e salários achatados, provocaram uma onda de crises a nível mundial. Para ludibriar essas crises os trabalhadores lançaram mãos a artifícios que propõe repensar a superioridade dos direitos fundamentais do homem, da utilidade social e do interesse geral sob a perspectiva de uma nova ordem social que se manifesta a longo prazo, baseado no desenvolvimento harmonioso da sociedade.

Em Londrina, a implantação dessa nova perspectiva de trabalho e geração de renda, tem sido motivo de mensagens de incentivo e felicitação aos resultados até aqui alcançados. O que coloca ao programa de economia solidária do município novas metas a alcançar e novos obstáculos a vencer.

Percebe-se a necessidade do reforço do programa de forma a ir além do puro assistencialismo e distribuição de renda e ser encarado como uma oportunidade de

emancipação social e econômica, através da promoção do homem como sujeito e finalidade da atividade que exerce, onde cada um busca contribuir para o progresso próprio e do conjunto, resultando em melhor qualidade de vida e trabalho para todos.

Para tal se torna essencial investir na capacitação e instrução das pessoas que fazem parte desses empreendimentos, em virtude da baixa escolaridade dos mesmos, proporcionando o cultivo da necessidade do desenvolvimento pessoal pleno visando à ampliação da visão de futuro dos mesmos.

Põe-se o desafio de informar, conscientizar e promover às práticas da economia solidária visando ampliar o mercado potencial de destinação dos produtos/serviços fabricados pelos empreendedores solidários.

Outro desafio que se configura para o desenvolvimento consistente dos empreendimentos solidários em Londrina é a necessidade de se promover a mudança de valores e visão de mundo dos participantes, hoje baseados no sistema vigente, objetivando a virada para uma outra forma, mais colaborativa, de se pensar a economia e as relações inter-pessoais, baseados no bem estar coletivo.

A união de forças entre os iguais constitui uma das bases da economia solidária. Em Londrina em razão do tamanho e da fragilidade dos empreendimentos solidários incubados ao programa de economia solidária se conjectura a necessidade da criação de uma cooperativa, cujo intuito é possibilitar melhores condições de acesso ao mercado e a legalização desses empreendimentos, vencendo assim muitas dificuldades hoje enfrentadas no que diz respeito principalmente questão da comercialização e renda dos participantes.

Uma outra questão que merece ser devidamente estudada é o certo comodismo que toma conta de alguns participantes do programa, estimulado pelo fato da implementação da perspectiva da economia solidária ser externa (por parte do poder público), notando-se em alguns empreendimentos fracas bases para prosseguir em uma eventual retirada do poder público.

Faz-se necessário a concepção de políticas públicas que visam incentivar e difundir esses empreendimentos destacando-se a urgência de uma legislação para regulamentar o setor, no município, a exemplo de outras regiões do país, onde a economia solidária faz a diferença para milhares de famílias.

Diante disso fica evidente que para a consolidação do processo de desenvolvimento e sustentabilidade dos empreendimentos econômicos solidários em Londrina, se tem ainda um longo caminho a percorrer, mas alguns passos importantes já foram dados nessa direção com, por exemplo :a) a criação e implementação de um programa que tem por objetivo promover a cidadania através do fomento à associações produtivas; b) a possibilitar o transformar de realidades e trabalhar na perspectiva da recuperação de pessoas marcadas por fragilidades; c) a oportunidade única de incentivar relações sociais cuja base de sustentação é a solidariedade, a cooperação e o respeito ao próximo aliado a melhoria da questão econômica; d) o resgate da dignidade humana, através da melhoria na auto estima e a conseqüente melhoria na qualidade de vida .

Para a maioria das pessoas que participaram nessa pesquisa fazer parte do programa de economia solidária representou um claro divisor de águas entre a passividade e a exclusão social e o retomar das rédeas da própria existência, o que representa a nosso ver a grande potencialidade da economia solidária e do programa aqui estudado.

A título de conclusão cabe destacar que os objetivos propostos para o presente estudo foram alcançados na sua totalidade, podendo-se afirmar que o programa de economia solidária do município de Londrina é mais uma alternativa válida, por parte do poder público, na tentativa de se amenizar as duras condições de vida das classes menos favorecidas, contendo, no entanto o diferencial de aliar inclusão social a uma nova ótica de

trabalho, visando promover a emancipação econômica e bem estar coletivo dos seus participantes.

## REFERÊNCIAS

BALBINOT, Edmar Luiz. Particularidades inerentes ao modelo de gestão de um empreendimento de economia solidária: Um estudo de caso. 2007. 182 f. *Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Maria, RS.*

BARBOSA, Rosangela Nair de Carvalho. *Economia Solidária como Política Pública: Uma Tendência de geração de renda e ressignificação do trabalho no Brasil.* 2005. 305 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CATTANI, Antonio David (Org.). *A outra economia.* Porto Alegre: Veraz, 2003.

Como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000. – (*Coleção economia*). Conselho nacional de economia solidária. Disponível em: <[http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/cons\\_default.asp](http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/cons_default.asp)>. Acesso em 4/11/2007.

LONDRINA. *Perfil Londrina,* 2003. Disponível em: <<http://www.londrina.pr.gov.br/cidade/londados.php3>>, acesso em 20 de Abril de 2008.

MANCE, Euclides André. *Como organizar redes solidárias.* Rio de Janeiro: DP&A, Fase, IFIL, 2003.

MANCE, Euclides André. *Redes de colaboração solidária: aspectos econômico-filosóficos: complexidade e libertação.* Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica.* 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

NISHIMURA, Sandra Regina. Grupos de Geração de Trabalho e Renda na Construção da Economia Solidária em Londrina – Paraná. 2005. 187f. *Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Política Social) – Universidade Estadual de Londrina.*  
outra economia. Porto Alegre: Veraz, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: Métodos e técnicas.* 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SINGER, Paul. *Introdução à economia solidária.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUZA, André Ricardo de. (organizadores). *A economia solidária no Brasil: a autogestão.*